



Fotos: Mariana Campos/CB/D.A Press



Renata Monnerat, Alice Salazar e Rosa Guimarães



Cleuza Ferreira e Glória Kalil



Michel Alcoforado e Karina Arruda



Bárbara Maragon, Karine Lima e Fernanda Patrício

O estilo de Brasília

A terceira edição do Estilo Brasília movimentou o Brasília Shopping com muita moda, design, comportamento, empreendedorismo e criatividade, na última quinta e sexta-feira. Sob o mote "O que permanece", o evento trouxe convidados de diferentes áreas para discutir temas que atravessam o tempo, ajudam a construir identidade e comunicam ancestralidade. No primeiro dia, a programação de talks trouxe Lucélia Roriz, Marcos Moreira, Wagner Alves, Alice Salazar, Glória Kalil, Cleuza Ferreira e Michel

Alcoforado para tratar de beleza, estilo, memória, consumo e o design na capital. No segundo, Alessandra Pinheiro, Duda Maia, Nathy Abi-Ackel, Luiza Daher, Bia Borja, Juliana Santana, Carol Rosignoli, Ale Farah e Maria Prata levantaram discussões sobre tendências, sustentabilidade e o futuro da moda. Além dos painéis, o evento também ofereceu oficinas de criação de tote bags, moda em aquarela, colagem e customização. Ambos os dias terminaram com desfiles de marcas do shopping.



Patrícia Zanatta, Tamara Diniz e Daniele Araujo



Vânia Carvalho, Isaura Lara Resende, Ana Alice Costa e Silva, Pompeira Addario, Valeska Tonet Camargo e Silvana Leão



Aline Castelo e Fernanda Gabriela



Carolina e Fabricio Ferreira de Carvalho

Brasília de design

O primeiro dia do Estilo Brasília também marcou o lançamento do projeto Brasília Cidade Design, que prepara as comemorações dos dez anos da capital como Cidade Criativa do Design pela Unesco. Produzida pelo Instituto ACDF com apoio da Secretaria de Turismo do DF, a iniciativa visa dar mais visibilidade à produção local e aproximar o design do turismo, da cultura e dos negócios. Entre as ações previstas do projeto estão a Rota do Design, o Selo Brasília Cidade Design, a Arena Design e uma plataforma digital para divulgar profissionais e projetos da cidade. O calendário inclui ainda, em junho de 2027, o primeiro Encontro das Cidades Criativas do Design das Américas e o primeiro Prêmio Brasília Cidade Design.



Alessandra Pinheiro, Cláudia Pereira e Deborah Pinheiro



Marcos Moreira, Fernando Brites, Liana Alegemovits e Wagner Alves



Luiza Brunet, Bernardeth Martins e Fernanda Botelho



O presidente do Codese, Dionyzio Klavdianos, e o presidente da Fecomércio José Aparecido Freire



Léo Zamberlan e Thiago Malva



Karine Abritta e o presidente do Sindivarejista, Sebastião Abritta

Tendências brasileiras na passarela

A noite de abertura do Brasília Trends Fashion Week tomou conta do Dúnia City Hall, na última quinta-feira, em uma noite que deu início à semana de moda com homenagens, spoilers e um desfile do produtor Gabriel Guimarães. Em sua sétima edição, o evento segue até amanhã, com criadores do Distrito Federal e de outros estados na passarela, além de palestras e mesas-redondas sobre inclusão, sustentabilidade, violência contra a mulher e



Tatiana Castro, a secretária de Proteção Animal Maria Fernanda Soares e Flôrencia Pompeu

exploração do trabalho, com participação da madrinha Luiza Brunet e da atriz Fernanda Botelho. A entrada é gratuita.

Confira mais fotos e eventos no blog Viva Brasília. Acesse: newblogs.correiobraziliense.com.br/vivabrasilia

» Entrevista | GIOVANNI DE TONI | PSQUIATRA

Ao *CB.Saúde*, especialista diz que há um aumento de problemas relacionados à dependência de jogos on-line, como financeiro, emocional e familiar, explica por que adolescentes são mais vulneráveis e aponta possibilidades de tratamentos

Apostas oferecem altos riscos

» GABRIELA CIDADE*

O CB.Saúde, parceria entre o *Correio Braziliense* e a TV Brasília, recebeu, ontem, o psiquiatra, preceptor no Hospital Universitário de Brasília e pesquisador em psiquiatria digital Giovanni De Toni. As jornalistas Sibebe Negromonte e Carmen Souza, ele contou detalhes sobre a dependência em jogos de apostas, impactos na sociedade brasileira e caminhos possíveis para tratamento.

O governo federal acaba de anunciar a proibição das bets, alegando que elas estão acabando com o país. É o que você tem visto na pesquisa e no consultório?

Desde 2018, as bets, apostas e cassinos on-line passaram a estar presentes na vida das pessoas, e a gente viu uma crescente de problemas relacionados à dependência: financeiro, emocional e familiar. Então, desde que elas chegaram, tivemos várias repercussões. Endividamento, problemas de saúde mental, aumento da procura por serviços de saúde, sejam eles públicos ou privados, sobrecar-

regando o sistema de saúde, que já estava sobrecarregado.

Tem se questionado muito que a pessoa é livre pra fazer o que quiser com o próprio dinheiro. Fora do Brasil, essa narrativa é forte? Como tem sido o enfrentamento a apostas on-line no exterior?

São livres até que essa relação entre aposta e pessoa, que às vezes está mais vulnerável, desenvolva uma dependência. Quanto mais rápido é a velocidade com que um evento premia uma pessoa, maior o risco. Alguns países colocam um limite para essa velocidade, outros não permitem que apostas sejam feitas no âmbito esportivo durante uma partida de futebol, por exemplo, porque isso aumenta a adrenalina e a pessoa é capturada por aquilo.

Muitos jovens apostam on-line. É mais perigoso para eles?

Do ponto de vista neurobiológico, a fase da adolescência é uma fase em que o sistema — que é capaz de inibir comportamentos, de pesar riscos e benefícios, e fazer planejamento de longo prazo — ainda não está totalmente maturado. Paradoxalmente, aquele

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Aponte a câmera e assista à entrevista completa

prazo. Por isso, é uma faixa etária que está sob maior risco de uma dependência.

E como é que as pessoas podem ser tratadas?

Existe a autoexclusão unificada. Pessoas que acessam a secretaria de Prêmios e Apostas do Ministério da Fazenda encontram um local onde podem fazer a autoexclusão das bets. Isso, por si só, ajuda. A outra etapa é entender

que o SUS está pronto de alguma forma para responder a essa demanda, porque há muito tempo já responde a outras demandas em saúde mental, como é o caso dos Centros de Atenção Psicossocial (Caps) Álcool e Drogas ou unidades básicas de saúde (UBSs). O governo fez um serviço de teleatendimento psicológico em conjunto com outras instituições do país, que recentemente passou a atender famílias de pessoas que padecem por dependência de apostas ou transtorno do jogo.

A família tem um papel fundamental nesse processo, né?

Às vezes, é quem leva para os consultórios e quem leva para a procura de ajuda. Então, percebeu que começou a jogar de madrugada, que durante uma partida de tênis, futebol, vôlei, a pessoa está ansiosa, apreensiva, e ela não era assim — é o familiar que percebe —, é preciso buscar ajuda. Então, o familiar tem um papel tanto na detecção quanto no tratamento.

A gente vê relatos de situações muito extremas ligadas a essa dependência, como

suicídio, separações. E há uma percepção de que são exceções. É isso mesmo?

Por que parece ser uma exceção? É muito raro pessoas que tenham problemas com apostas virem a público comunicar isso. Primeiro, é preciso vencer a vergonha e a culpa, desestigmatizando um pouco de que isso não é falha de caráter. As pessoas que estão nesse espectro de maior gravidade dificilmente aparecem para falar sobre o assunto.

Há uma exposição que pode ser considerada segura?

Infelizmente, não, assim como acontece com o álcool e substâncias ilícitas.

As pessoas podem deixar de ser dependentes em jogos digitais?

Existe um perfil populacional que vai conseguir deixar. Outro perfil vai precisar de um longo tempo de acompanhamento e, realmente, de restrições. Mas, sim, existe. A maior parte das pessoas que procura ajuda encontra tratamento e consegue ter melhora.

*Estagiária sob a supervisão de Márcia Machado